

Depois da escola, eu ia trabalhar no Valhalla, uma drugstore. O estabelecimento era de propriedade do meu tio, Sr. Ed Marshall. Eu o chamo de Sr. Marshall porque todo mundo, até mesmo sua esposa, o chamava assim. Na verdade, era um bom homem.

A loja talvez fosse antiquada, mas era grande, escura e fresca: durante os meses do verão, não havia lugar mais agradável na cidade. Na entrada, à esquerda, ficava o balcão de revistas e tabaco, atrás do qual, na maioria das vezes, sentava-se o Sr. Marshall — um homem atarracado, de cara quadrada e pele rosada, com seu bigode curvo nas pontas, másculo e grisalho. Mais adiante, ficava o belo balcão das sodas. Era uma peça muito antiga, feita de um elegante mármore amarelado, suave ao toque e sem um único traço de esmalte barato. O Sr. Marshall a tinha comprado em 1910, num leilão em Nova Orleans, e sentia grande orgulho dela. Quem sentasse naqueles bancos altos, delicados, e olhasse além do sifão, via a própria imagem refletida suavemente, como à luz de velas, numa fileira de antigos espelhos emoldurados em mogno. As mercadorias em geral ficavam expostas em armários com portas de vidro, como antiguidades, fechados com chaves de bronze. O ar estava sempre impregnado do cheiro de xarope de fruta, noz-moscada e outras delícias.

O Valhalla era o ponto de encontro de Wachata County, até que um certo Rufus McPherson chegou à cidade e abriu um estabelecimento semelhante, bem do outro lado da praça do fórum. Esse Rufus McPherson era um bandido; — quer dizer, roubou o comércio do meu tio. Instalou equipamentos bacanas na sua loja, como ventilador elétrico e luzes coloridas; atendia na calçada aos clientes que não desejassem descer do carro e fazia sanduíches de queijo quente. É claro que, embora alguns fregueses tenham permanecido fiéis ao Sr. Marshall, a maioria não resistiu a Rufus McPherson.

Durante algum tempo, o Sr. Marshall optou por ignorar o concorrente; à menção do nome McPherson, ele bufava, passava os dedos pelo bigode e fingia que não era com ele. Mas dava para ver que estava louco da vida. E cada vez mais. Então, um dia, lá por meados de outubro, entrei no Valhalla e o encontrei sentado junto do sifão, jogando dominó e bebendo vinho com o Hamurabi.

O Hamurabi era egípcio, uma espécie de dentista, embora não tivesse

muito trabalho, já que, em geral, as pessoas por aqui têm dentes extremamente fortes, por causa de um componente na água. Boa parte do tempo, ele ficava à toa no Valhalla e era o principal companheiro do meu tio. Era um homem bonito esse Hamurabi, de pele escura e uns dois metros de altura; as senhoras da cidade trancavam as filhas com cadeado e flertavam elas próprias com ele. Sotaque de estrangeiro, não tinha nenhum, e sempre achei que era tão egípcio quanto eu.

De todo modo, lá estavam eles, bebendo vinho tinto italiano diretamente de um jarro de quatro litros. Era uma visão preocupante, porque o Sr. Marshall era notório abstêmio. Portanto, claro, pensei comigo: “Ah, meu Deus, agora o Rufus McPherson deu nos nervos dele de vez”. Mas não era o caso.

“Tome, filho”, o Sr. Marshall me disse, “beba um copo de vinho.”

“Isso mesmo”, completou o Hamurabi, “ajude a gente a acabar com ele. É vinho comprado, não podemos desperdiçar nem uma gota.”

Bem mais tarde, quando o jarro já estava seco, o Sr. Marshall o apanhou e disse: “Muito bem, agora é que eu quero ver!”. E desapareceu no meio da tarde.

“Aonde ele foi?”, perguntei.

“Ah...”, foi tudo o que ouvi do Hamurabi, que gostava de me atormentar.

Meia hora depois meu tio voltou. Estava vergado e grunhia sob o peso que carregava. Depositou o jarro no balcão de mármore e deu alguns passos para trás, sorrindo e esfregando as mãos. “Bom, e aí, o que vocês acham?”

“Ah...”, ronronou o Hamurabi.

“Minha nossa...”, disse eu.

Deus é testemunha de que era o mesmo jarro de vinho, mas havia uma grande e maravilhosa diferença: ele agora estava cheio até a borda de moedinhas de cinco e dez centavos, rebrilhando foscas através do vidro grosso. “Bonito, não é?”, comentou meu tio. “Pedi para encherem no banco. Não deu para enfiar moedas maiores, mas, ainda assim, tem um bocado de dinheiro aí dentro, podem acreditar.”

“Mas para que isso, Sr. Marshall?”, perguntei. “Quer dizer, que idéia é essa?”

O sorriso do Sr. Marshall expandiu-se, arreganhando os dentes. “Isto aqui é um jarro de prata, pode-se dizer...”

“O pote no fim do arco-íris”, atalhou o Hamurabi.

“... e a idéia, como diz você, é que as pessoas tentem adivinhar quanto dinheiro tem aí dentro. O cliente que fizer uma comprinha a partir de, digamos, vinte e cinco centavos vai poder arriscar um palpite. Quanto mais comprar, mais palpites poderá dar. Vou anotar todos os palpites num livro, até a véspera do Natal. Aí, quem tiver dado o palpite mais próximo da soma correta leva tudo.”

Solene, o Hamurabi assentiu com a cabeça. “Ele está brincando de Papai Noel — e um Papai Noel bem matreiro...”, disse. “Vou para casa, escrever um livro: O hábil assassinato de Rufus McPherson.” Para falar a verdade, o Hamurabi às vezes escreve contos e os envia para revistas. Até hoje, sempre os mandaram de volta.

Foi surpreendente, um verdadeiro milagre como Wachata County gostou dessa história do jarro. O próprio Valhalla não via tanto movimento assim desde que o chefe de estação, Tully, um pobre homem, que endoidou de vez, dizendo que tinha encontrado petróleo nos fundos da estação ferroviária, o que provocou uma invasão de aventureiros, todos vindos para tentar a sorte na cidade. Até mesmo os vagabundos do bilhar, que jamais gastavam um centavo em nada que não tivesse a ver com uísque ou mulheres, começaram a investir suas economias em milkshakes. Algumas senhoras mais velhas desaprovaram em público a iniciativa do Sr. Marshall, considerando-a uma espécie de jogo de azar, mas não criaram nenhum problema: algumas até tiveram oportunidade de, numa ou noutra ocasião, nos visitar e arriscar um palpite. As crianças da escola ficaram loucas com a coisa toda, e eu me tornei muito popular, porque elas achavam que eu sabia a resposta.

“Vou explicar por que isso está acontecendo”, disse o Hamurabi, acendendo um daqueles cigarros egípcios que ele comprava por correio de uma firma de Nova York. “Não é pelo motivo que se imagina; em outras palavras, não é avidez. Não. O que encanta é o mistério. O sujeito olha para as moedas todas, e o que ele pensa? Tem tanto? Não, não é

assim. Ele pensa: quanto será que tem? E essa é, de fato, uma questão profunda. Entende?”

Quanto ao Rufus McPherson, ah, esse ficou bravo, e como! No comércio, conta-se com o Natal para faturar boa parte do lucro anual, e Rufus andava com dificuldade para encontrar clientes. Por isso, tentou imitar a idéia do jarro. Mas, pão-duro como era, encheu o dele de moedas de um centavo. Além disso, escreveu uma carta para o editor do Banner, nosso jornal semanal, dizendo que o Sr. Marshall devia ser “coberto de alcatrão e penas e enforcado, por transformar crianças pequenas e inocentes em jogadores inveterados, pondo-as no caminho da perdição!”. Dá muito bem para imaginar o tipo ridículo que era esse McPherson. Ninguém lhe dedicava outra coisa senão escárnio. Assim, lá por meados de novembro, ele só podia postar-se na calçada defronte à loja e contemplar com amargura a festança do outro lado da praça.

Foi por essa época que Appleseed e sua irmã apareceram pela primeira vez.

Ele era um estranho na cidade. Pelo menos, ninguém se lembrava de tê-lo visto antes. Dizia que morava numa fazenda um quilômetro e meio adiante de Indian Branches, contou que sua mãe pesava só trinta e quatro quilos e que tinha um irmão mais velho que, por cinqüenta centavos, tocava rabeca em casamentos. Afirmava que aquele, Appleseed, era seu único nome e que tinha doze anos de idade. Mas a irmã, Middy, contou que ele tinha oito. O cabelo era liso, de um louro escuro. O rosto, miúdo e tenso, curtido pelas intempéries, com olhos verdes ansiosos que lhe davam um aspecto sagaz de quem sabia das coisas. Era pequeno, franzino, nervoso e vestia sempre a mesma roupa: suéter vermelho e calça azul de brim, além das botas de homem adulto, que faziam clópi, clópi a cada passo que ele dava.

Estava chovendo quando dessa primeira aparição de Appleseed no Valhalla; os cabelos grudavam-se à cabeça como um boné, e as botas exibiam uma capa de barro vermelho das estradas de terra do campo. Middy seguiu-lhe os passos enquanto ele avançava com ares de vaqueiro em direção ao balcão das sodas, onde eu enxugava alguns copos.

“Ouvi dizer que vocês têm aí um garrafão cheio de dinheiro que vão dar para alguém”, disse, me olhando bem nos olhos. “E, já que estão dando mesmo, a gente ficaria muito contente de receber o dinheiro.

Meu nome é Appleseed, e esta é minha irmã, Middy.”

Middy parecia uma menina muito triste. Era bem mais alta e parecia muito mais velha que o irmão, aquele tipo de garota que a gente costuma chamar de varapau. Tinha cabelos cor de estopa, cortados bem curtos, e uma carinha pálida de dar pena. Usava um vestidinho gasto de algodão, que acabava bem acima dos joelhos pontudos. Havia algo de errado com seus dentes, que ela tentava esconder franzindo os lábios, como uma velha.

“Me desculpe”, eu disse, “mas você vai ter de falar com o Sr. Marshall.”

E foi o que ele fez. Pude ouvir meu tio explicando o que ele precisaria fazer para ganhar o dinheiro todo. Appleseed ouvia com atenção, assentindo com a cabeça de vez em quando. Depois, voltou, postou-se bem defronte ao jarro e, tocando-o de leve com a mão, disse: “Não é uma belezinha, Middy?”

Middy respondeu: “Vão dar para a gente?”

“Vão nada... Para ganhar, precisa descobrir quanto dinheiro tem aí dentro. E ainda tem de comprar alguma coisa de vinte e cinco centavos, para pelo menos poder dar um palpite.”

“Mas a gente não tem esse dinheiro. Onde você acha que vai conseguir vinte e cinco centavos?”

Appleseed franziu a testa e coçou o queixo. “Isso é o mais fácil, deixa comigo. O problema é que eu não posso só arriscar um palpite... Preciso saber.”

Bom, alguns dias depois, eles tornaram a aparecer. Appleseed empoleirou-se num banco junto do balcão de mármore e, confiante, pediu dois copos de água — um para ele, outro para Middy. Foi nessa ocasião que contou um pouquinho sobre sua família: “... e tem também o ‘papa’, o pai da minha mãe, que veio daqueles franceses lá da Louisiana, por isso não fala inglês direito. Meu irmão, o que toca rabeca, já foi em cana três vezes... Foi por causa dele que a gente teve de sair da Louisiana. Cortou lá um sujeito numa briga de faca, por causa de uma mulher dez anos mais velha que ele. Era loura”.

Middy, logo atrás dele, disse, nervosa: “Você não devia ficar falando desses assuntos particulares de família desse jeito, Appleseed”.

“Quietinha, Middy”, ele disse, e ela se calou. “É uma boa menina”, acrescentou ele, voltando-se para dar uns tapinhas na cabeça dela, “mas a gente não pode dar moleza. Vá olhar os livros com figurinhas, gracinha, e pare de ranger os dentes assim. O Appleseed aqui precisa pensar um pouco.”

“Pensar” significava ficar olhando fixo para o jarro, como se tentasse comê-lo com os olhos. Com o queixo apoiado na mão, ele ficou ali, estudando o objeto por um bom tempo, sem nem piscar. “Uma senhora na Louisiana me disse que eu podia ver coisas que os outros não vêem, porque nasci empelicado.”

“Está na cara que você não vai conseguir ver quanto tem aí dentro”, eu disse a ele. “Por que não pensa num número e quem sabe você acerta?”

“Naaaa...”, resmungou ele, “é arriscado demais. Não posso correr um risco desses, não eu. Olhe aqui, o que eu penso é que só tem um jeito certo, seguro, que é contar as moedas todas.”

“Contar?!”

“Contar o quê?”, perguntou o Hamurabi, que acabara de entrar e se acomodava agora junto ao balcão.

“Este garoto diz que vai contar quanto tem no jarro”, expliquei.

O Hamurabi dirigiu um olhar interessado para Appleseed. “Como é que você planeja fazer isso, filho?”

“Ora, contando, ué”, respondeu Appleseed, como se não fosse nada.

Hamurabi riu. “Só se tiver olhos de raios X, filho, é o que eu posso dizer a você.”

“Não, que nada! Basta nascer empelicado. Foi o que uma senhora me disse na Louisiana. Ela era uma bruxa e me amava. Quando minha mãe não quis me dar para ela, ela pôs um feitiço na minha mãe, que agora

pesa só trinta e quatro quilos.”

“Mui-to in-te-res-sante”, comentou o Hamurabi, lançando um olhar esquisito para Appleseed.

Middy passeava pela loja, segurando um número de uma revista de cinema, a Screen Secrets. Apontou uma foto para Appleseed e disse: “Olha só se esta dama não é a mulher mais bonita do mundo. Está vendo, Appleseed, está vendo como são bonitos os dentes dela? Não tem nenhum fora do lugar”.

“Viu? Então pare de ranger os seus”, disse ele.

Depois que os dois foram embora, o Hamurabi pediu uma soda laranja, que bebeu devagar, enquanto fumava um cigarro. “Você acha que esse garoto bate bem da cabeça?”, perguntou, num tom intrigado.

Cidades pequenas são as melhores para se passar o Natal, eu acho. Elas entram logo no clima, mudam, animam-se, enfeitadas pela ocasião. Na primeira semana de dezembro, as portas das casas estavam enfeitadas com coroas de flores, e as vitrines das lojas reluziam com sinos de papel vermelho e flocos de neve de mica brilhante. As crianças faziam longas caminhadas até o bosque, de onde voltavam arrastando belos pinheiros. As mulheres dedicavam-se já a confeccionar os bolos de frutas, a abrir seus potes de passas e frutas cristalizadas e as garrafas de amora-preta e vinho moscatel. Na praça do fórum, uma árvore enorme foi adornada com lantejoulas prateadas e luzes coloridas, acesas ao pôr-do-sol. No fim da tarde, podia-se ouvir o coro da igreja presbiteriana ensaiando canções natalinas para seu espetáculo anual. Pela cidade inteira, os marmeleiros¹-da-china floresciam a toda.

A única pessoa que parecia absolutamente indiferente a essa atmosfera calorosa era Appleseed. Ele seguia dedicando-se à atividade já anunciada, ou seja, a de contar o dinheiro no jarro, o que fazia com grande e persistente cuidado. Agora, vinha todo dia ao Valhalla e se concentrava naquilo, franzindo as sobrancelhas e balbuciando consigo mesmo. De início, ficamos todos fascinados, mas, passado algum tempo, aquela história começou a cansar, e ninguém mais prestava atenção nenhuma nele. De resto, ele não comprava nada; ao que parecia, não tinha conse-

1 uma pequena árvore, cujos frutos são chamados marmelos. É originário das regiões mais amenas da Ásia Menor e Sudeste da Europa.

guido arranjar os vinte e cinco centavos. Às vezes, Appleaseed conversava com o Hamurabi, que se enternecera do garoto e volta e meia lhe pagava um quebra-queixo ou uma balinha de alcaçuz.

“Você ainda acha que ele é maluco?”, perguntei.

“Não tenho muita certeza”, disse o Hamurabi.

“Se descobrir, eu conto. Ele não come direito. Vou levá-lo até o Café Arco-Íris e pagar um churrasquinho para ele.”

“Ele ia preferir ganhar uma moedinha de vinte e cinco centavos.”

“Não. O que ele precisa é de um churrasquinho no prato. Além disso, melhor seria que ele nunca arriscasse palpíte nenhum. Um garoto nervoso assim, tão diferente — eu é que não ia querer ser o responsável, se ele arriscar e perder. Deus do céu, seria de cortar o coração.”

Eu, de minha parte, tenho de admitir que, naquele momento, Appleaseed só me parecia uma figura engraçada. O Sr. Marshall tinha pena dele, e as crianças tentavam provocá-lo, mas desistiam, porque ele se recusava a reagir. E lá ficava ele, todo santo dia, sentado no banco do balcão das sodas, com a testa franzida e os olhos sempre fixos no jarro. Era tão retraído que, às vezes, tinha-se a sensação arrepiante de que, bem, talvez ele não existisse. Mas aí, quando já se estava quase convencido disso, ele acordava e dizia algo como: “Quer saber? Espero que tenha uma daquelas moedinhas de 1913 aí dentro, com a figura do búfalo. Um conhecido viu e me disse que uma moeda dessas de 1913, com o búfalo, vale cinqüenta dólares”. Ou então: “Middy vai ser uma grande dama do cinema. Ganham uma montanha de dinheiro, essas estrelas de cinema, e aí nunca mais vamos precisar comer outra folha de couve na vida. Só que a Middy diz que não pode trabalhar no cinema se não tiver dentes bonitos”.

A Middy nem sempre acompanhava o irmão. Mas, quando ela não vinha, Appleaseed nem parecia o mesmo: ficava tímido e ia embora logo.

O Hamurabi manteve a promessa e pagou para ele o tal churrasquinho no prato. “Seu Hamurabi é legal, sim”, contou Appleaseed depois, “mas ele tem umas idéias esquisitas. Acha que, se morasse num lugar chamado Egito, seria rei ou coisa parecida.”

O Hamurabi, por sua vez, disse: “Esse garoto tem uma fé comovente. É bonito de ver. Mas estou começando a sentir desprezo por essa coisa toda”. Apontou para o jarro. “Esperança desse tipo é uma coisa cruel de se dar a uma pessoa, e fico muito chateado de ter participado disso.”

No Valhalla, o passatempo mais popular entre os fregueses era decidir o que iriam comprar caso ganhassem o jarro. Entre os que tomavam parte nas especulações estavam: Solomon Katz, Phoebe Jones, Carl Kuhhardt, Puly Simmons, Addie Foxcroft, Marvin Finkle, Trudy Edwards e um homem de cor chamado Erskine Washington. E eis aqui algumas de suas escolhas: uma viagem para Birmingham, para fazer uma permanente lá; um piano usado; um pônei Shetland; um bracelete de ouro; uma coleção de livros dos Rover Boys, e uma apólice de seguro de vida.

Uma vez, o Sr. Marshall perguntou a Appleseed o que ele iria comprar. “É segredo”, foi a resposta, e não houve bisbilhotice capaz de fazê-lo contar o que seria. Concluímos que, fosse o que fosse, era alguma coisa que ele queria muito.

Em geral, não existe inverno sério nesta nossa região do país até final de janeiro, e, mesmo quando chega, ele é ameno e só dura pouco tempo. Mas, nesse ano sobre o qual escrevo, fomos abençoados com uma singular onda de frio na semana anterior ao Natal. Alguns falam disso até hoje, porque o frio era terrível: os canos de água congelaram; muitas pessoas tiveram de passar aqueles dias na cama, aninhadas debaixo dos acolchoados, porque não haviam se dignado ir buscar lenha suficiente para a lareira; o céu se tingiu daquele estranho cinza opaco que aparece antes das tempestades, e o sol brilhava pálido como lua minguante. O vento cortava: as folhas velhas e secas do outono caíam no chão gelado, e a grande árvore da praça do fórum foi despida duas vezes de seus trajes natalinos. Quando a gente respirava, saíam nuvens de fumaça. Lá para os lados da fiação de seda, onde moravam os bem pobres, as famílias se juntavam no escuro, à noite, e contavam histórias para espantar o frio. No campo, os fazendeiros recobriam suas plantas delicadas com sacos de aniagem e rezavam; alguns aproveitaram o frio para matar os porcos e vender lingüiça fresca. O Sr. R. C. Judkins, o bêbado da cidade, se paramentou com um traje vermelho de gaze de algodão e foi trabalhar de Papai Noel na loja de artigos populares. Era pai de uma família grande, e todo mundo ficou feliz de vê-lo sóbrio a ponto de poder ganhar uns trocados. Houve várias reuniões sociais na igreja, e numa delas

o Sr. Marshall ficou cara a cara com Rufus McPherson: trocaram palavras duras, mas nenhum soco.

Bom, como mencionei antes, Appleaseed morava numa fazenda um quilômetro e meio para baixo de Indian Branches, o que significava uma distância de mais de quatro quilômetros da cidade — uma bela e solitária caminhada. Ainda assim, e apesar do frio, ele ia todo dia ao Valhalla e ficava até a hora de fechar, o que, com os dias mais curtos, acontecia depois do anoitecer. De vez em quando, pegava uma carona até parte do caminho com o capataz da fição, mas isso não acontecia com muita frequência. Parecia cansado, exibia rugas de preocupação em torno da boca. Estava sempre com muito frio e tremia um bocado. Não creio que vestisse camiseta e ceroula por baixo do suéter vermelho e da calça de brim, para se aquecer.

De repente, três dias antes do Natal, e absolutamente do nada, Appleaseed anunciou: “Bom, acabei. Quer dizer, já sei quanto dinheiro tem dentro do garrafão”. Afirmou isso com certeza tão grave e solene que era difícil duvidar do que acabara de dizer.

“Ora, mas espere aí, filho”, disse o Hamurabi, também presente. “Não é possível que você saiba uma coisa dessas. É ruim pensar assim: você só vai se decepcionar.”

“O senhor não precisa me passar um sermão, seu Hamurabi. Eu sei o que estou fazendo. Uma senhora na Louisiana me disse que...”

“Sei, sei, eu já sei... Mas você precisa esquecer isso. Se eu fosse você, iria para casa, ficaria quietinho e esqueceria essa história do maldito jarro.”

“Meu irmão vai tocar rabeca num casamento em Cherokee esta noite, e vai me dar os vinte e cinco centavos”, teimou o Appleaseed. “Amanhã, dou meu palpite.”

Assim, no dia seguinte, me senti meio alvoroçado quando Appleaseed e Middy chegaram. E, claro, ele trazia consigo os vinte e cinco centavos: por segurança, amarrados na ponta de um grande lenço vermelho.

Os dois caminharam de mãos dadas por entre os armários de vidro,

confabulando aos sussurros sobre o que comprar. Por fim, decidiram-se por um vidrinho de uma colônia de gardênia, do tamanho de um dedal, que Middy abriu de pronto, despejando parte do conteúdo nos cabelos. “Estou cheirosa como... Virgem Maria, nunca cheirei tão bem assim. Tome, Appleseed, me deixe derramar um pouquinho no seu cabelo.” Mas ele não quis saber.

O Sr. Marshall apanhou o livro em que anotava os palpites, enquanto Appleseed se dirigia para perto do balcão de mármore, onde tomou o jarro nas palmas das mãos e o acariciou com gentileza. Seus olhos brilhavam, as maçãs do rosto coraram de excitação. Diversas pessoas que se encontravam no estabelecimento àquela hora se juntaram para observar. Middy, mais afastada, coçava a perna e cheirava sua colônia, quieta. O Hamurabi não estava.

O Sr. Marshall lambeu a ponta do lápis e sorriu. “E então, filho, o que você me diz?”

Appleseed respirou fundo. “Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos”, respondeu, de um jorro.

Ao escolher um número tão quebrado, decerto demonstrava originalidade, já que o palpite mais comum das pessoas era um número redondo. Solene, o Sr. Marshall repetiu a soma ao anotá-la.

“Quando vou saber se ganhei?”

“Na véspera do Natal”, alguém disse.

“É amanhã, então?”

“Claro, isso mesmo”, confirmou o Sr. Marshall, nada surpreso.

“Esteja aqui às quatro.”

Durante a noite, os termômetros caíram ainda mais, e, perto do amanhecer, despencou um daqueles temporais rápidos, como os do verão, de tal modo que o dia nasceu claro e gélido. A cidade parecia um postal retratando uma cena do Norte, com pingentes de gelo de um branco resplandecente nas árvores e os desenhos floridos que o frio pinta em todas as janelas. O Sr. R. C. Judkins levantou cedo, e, sem nenhum motivo aparente, percorria as ruas badalando um daqueles sinos de chamar as pessoas para o jantar; parava aqui e ali para tomar um trago de uísque

da garrafinha de meio litro que levava no bolso da calça. Como não soprava vento algum, a fumaça das chaminés subia preguiçosa e retilínea em direção ao céu calmo e gélido. No meio da manhã, ouvia-se já o coro presbiteriano em plena atividade, e os garotos da cidade (usando máscaras de horror, como no Halloween) corriam um no encalço do outro em torno da praça, fazendo um tremendo rebuliço.

O Hamurabi apareceu ao meio-dia, para ajudar a preparar o Valhalla. Trouxe consigo um belo saco de tangerinas, que, juntos, comemos até a última, jogando as cascas numa gorda estufa situada bem no meio do salão (presente do Sr. Marshall a si mesmo). Então, meu tio retirou o jarro do balcão de mármore, lustrou-o e o acomodou sobre uma mesa posicionada num ponto privilegiado. Depois disso, ele pouco ajudou, porque sentou numa cadeira e passou um bom tempo atando e reatando uma fita adesiva verde em torno do jarro. Assim sendo, o Hamurabi e eu tivemos de fazer o resto do trabalho sozinhos: varremos o chão, lavamos os espelhos, espanamos os armários de vidro e estendemos bandeirolas verdes e vermelhas de papel crepom de uma parede a outra. Quando terminamos, estava tudo muito bonito e elegante.

O Hamurabi, porém, lançou um olhar tristonho para nossa obra, dizendo: “Bom, agora acho melhor eu ir andando”.

“Mas você não vai ficar?”, perguntou, chocado, o Sr. Marshall.

“Ah, não, não vou, não”, respondeu o Hamurabi, balançando lentamente a cabeça. “Não quero ver o rosto daquele garoto. É Natal, e eu quero muita alegria. E alegria é o que não vou ter com uma coisa dessas na consciência. Ora, eu nem conseguiria dormir.”

“Você é quem sabe”, disse o Sr. Marshall. Deu de ombros, mas dava para ver que tinha ficado magoado. “A vida é assim mesmo. Além disso, quem é que sabe? Ele pode até ganhar.”

O Hamurabi suspirou, sombrio. “Qual foi o palpíte dele?”

“Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos”, eu disse.

“Ora, pois eu pergunto: não é uma coisa fantástica?”, disse ele. Depois, sentou-se numa cadeira ao lado do Sr. Marshall, cruzou as pernas e acendeu um cigarro. “Se você tem aqueles chocolatinhos Baby Ruths aí, acho que vou querer um. Estou com a boca azeda.”

A tarde avançava, e nós três ficamos sentados ali, em torno da mesa, sentindo uma profunda tristeza. Quase não trocamos nenhuma palavra, e, como as crianças haviam abandonado a praça, o único som que se ouvia era o do relógio batendo as horas no campanário do fórum. O Vallhalla estava fechado, mas as pessoas continuavam passando e espiando pela janela. Às três horas, o Sr. Marshall me mandou destrancar a porta.

Em vinte minutos, o lugar estava superlotado; todos vestiam sua melhor roupa dominical, e o ar tinha um cheiro doce, porque a maioria das meninas da fição se perfumara com essência de baunilha. Os presentes se espremiavam ao longo das paredes, empoleiravam-se junto do balcão de mármore, enfiavam-se onde pudessem; logo a multidão tinha se esparramado até a calçada e avançado para a rua. Na praça, enfileiravam-se as carroças puxadas por animais e os Fords T que haviam trazido os fazendeiros e suas famílias para a cidade. As pessoas riam, gritavam, gracejavam um bocado — ofendidas, muitas senhoras reclamaram dos palavrões e dos modos rudes e dos empurrões dos mais jovens, mas ninguém foi embora. Na entrada lateral, formara-se um grupo de pessoas de cor, e eram os que mais se divertiam. Todos aproveitavam a ocasião tão propícia. Normalmente, é tão quieto aqui: quase nunca acontece nada. Posso dizer com segurança que quase toda Wachata County comparecera, à exceção dos aleijados e de Rufus McPherson. Olhei em torno à procura de Appleaseed, mas não o vi em lugar nenhum.

O Sr. Marshall pigarreou ostensivamente e bateu palmas para chamar a atenção de todos. Quando as coisas se acalmaram e o clima de tensão era satisfatório, ele ergueu a voz feito um leiloeiro e proclamou: “Muito bem, escutem todos! Neste envelope que vocês vêem na minha mão” — ele segurava o envelope pardo acima da cabeça —, “bem, nele está a resposta, que até este momento ninguém conhece, a não ser Deus e o banco, ha, ha, ha. E neste livro aqui” — ele ergueu o livro com a outra mão — “anotei os palpites de todos vocês. Alguma pergunta?”. Todos ficaram em silêncio. “Ótimo. Agora, preciso de um voluntário...”

Nenhuma criatura se moveu sequer um centímetro: era como se uma terrível timidez tivesse tomado conta da multidão, e mesmo aqueles que normalmente gostavam de aparecer ficaram olhando para os pés, envergonhados. Então, uma voz — a de Appleaseed — gritou: “Me deixem passar... Dá licença, madame, por favor”. Trotando atrás dele, que avançava, vinham Middy e um sujeito magricela e sonolento, que só podia ser o ir-

mão tocador de rabeca. Appleseed vestia a roupa de sempre, mas tinha esfregado o rosto até deixá-lo rosado de tão limpo, engraxara as botas e penteara os cabelos bem para trás, rente à cabeça, com brilhantina. “Chegamos na hora certa?”, resfolegou.

E o Sr. Marshall emendou: “Então você quer ser nosso voluntário?”.

Appleseed pareceu perplexo, mas logo fez que sim, assentindo com todo o vigor.

“Alguém tem alguma objeção a que seja este jovem?”

O silêncio seguiu reinando, sepulcral. O Sr. Marshall entregou, então, o envelope a Appleseed, que o recebeu com tranqüilidade. Em seguida, o garoto mastigou o lábio inferior por um instante, estudando o envelope antes de rasgá-lo.

Em toda aquela assembléia não se ouvia um único som, a não ser um tossido ocasional ou o suave tilintar do tal sino do Sr. R. C. Judkins. O Hamurabi estava encostado no balcão de mármore, junto do sifão, olhando para o teto; Middy contemplava o nada por sobre o ombro do irmão, e, quando ele começou a rasgar o envelope, ela deixou escapar um minúsculo arquejo de aflição.

Appleseed retirou um pedacinho de papel cor-de-rosa e, segurando-o como se se tratasse de coisa muito frágil, balbuciou para si mesmo o que estava escrito ali. De repente, seu rosto empalideceu, e lágrimas começaram a cintilar em seus olhos.

“Ei, diga lá, garoto!”, alguém gritou.

O Hamurabi avançou e praticamente arrancou dele o pedaço de papel. Depois, pigarreou, e ia começar a ler, quando sua expressão mudou de um jeito muito cômico. “Nossa Senhora Mãe de Deus...”, ele disse.

“Mais alto! Mais alto!”, um coro raivoso exigiu.

“Cambada de vigaristas!”, gritou o Sr. R. C. Judkins, que, a essa altura, já enchera a cara. “Isto está me cheirando a tramóia. E tramóia das boas!” Uma tempestade de vaias e assobios rasgou o ar.

O irmão do Appleseed rodopiou nos calcanhares, e chacoalhava o punho. “Cala a boca! Cala a boca todo mundo, antes que eu comece a

bater cabeça contra cabeça e a distribuir galos do tamanho de um melão, estão me ouvindo?”

“Cidadãos...”, apelou o prefeito Mawes, “cidadãos, é Natal... É Natal, cidadãos...”

Foi aí que o Sr. Marshall subiu numa cadeira e começou a bater palmas e pés, até restabelecer um mínimo de ordem. Conviria assinalar aqui que, segundo descobrimos mais tarde, o Sr. Rufus McPherson pagara ao Sr. R. C. Judkins para que desse início à baderna. De todo modo, uma vez contida a explosão, quem estava de posse do pedacinho de papel? Eu mesmo... Sei lá como.

Sem pensar, gritei: “Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos!”. Claro, graças à agitação toda, nem percebi de imediato o que aquilo significava; era só um número. Então, o irmão do Appleseed soltou seu potente grito de alegria, e eu compreendi. O nome do vencedor se espalhou com rapidez, e os sussurros murmurados de admiração soavam feito um aguaceiro.

O Appleseed era uma visão de dar dó. Chorava como se tivesse sido ferido de morte, mas, quando o Hamurabi o ergueu nos ombros, para que a multidão pudesse dar uma olhadinha, ele enxugou as lágrimas nos punhos do suéter e começou a sorrir. O Sr. R. C. Judkins gritou: “Trapaça! Pura trapaça!”, mas suas palavras foram abafadas por uma ensurdecedora salva de palmas.

Middy agarrou meu braço. “Meus dentes!”, guinchou. “Agora vou poder ter meus dentes!”

“Dentes?”, perguntei, meio atordoado.

“Dentes postiços”, ela disse. “É o que nós vamos comprar com o dinheiro: lindos dentes postiços branquinhos.”

Naquele momento, porém, meu único interesse era saber como Appleseed tinha descoberto o número. “Ei, me conta”, supliquei a ela, “diz para mim como, em nome de Deus, ele sabia que eram exatos setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos.”

E a Middy me dirigiu aquele olhar. “Ora, eu pensei que você já soubesse”, disse, com toda a seriedade. “Ele contou as moedas.”

“Está bem, mas como, contou como?”

“Minha nossa, você não sabe nem contar?”

“E foi só isso que ele fez?”

“Bom”, disse ela, depois de pensar por um instante, “ele rezou um pouquinho também.” Então, fez menção de se afastar, mas voltou-se e completou: “Além disso, ele nasceu empelicado”.

E foi o mais próximo que alguém jamais conseguiu chegar de resolver o mistério. Daí em diante, se perguntasse a Appleseed: “Como assim?”, ele abria um estranho sorriso e mudava de assunto. Muitos anos depois, ele e a família se mudaram para algum lugar da Flórida, e nunca mais se ouviu falar deles.

Em nossa cidade, contudo, a lenda do Appleseed segue firme e forte. Até morrer, um ano atrás, em abril passado, o Sr. Marshall era convidado todo Natal a contar a história do Appleseed nas aulas de leitura da Bíblia dos batistas. Uma vez, o Hamurabi datilografou um relato e o enviou para diversas revistas. Nunca publicaram. A resposta de um editor dizia que, “se a menina tivesse mesmo se tornado artista de cinema, aí a história teria algum interesse”. Mas, se não foi isso que aconteceu, por que mentir? [1945] Tradução de Sergio Tellaroli